

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

### **A Arteterapia usando imagens médicas: estudo comparativo entre imagens de pacientes com câncer de mama e pacientes com fibromialgia**

#### **Art therapy using radiologic images: a comparative study between breast cancer and fibromyalgia patients.**

Alejandra del Carmen Villanueva Mauricio<sup>1</sup>

**Resumo:** Sabe-se que no curso do diagnóstico e tratamento das doenças são necessárias imagens radiológicas. Do ponto de vista artístico, as imagens médicas são imagens cheias de potencial estético. Do ponto de vista psicológico, essas imagens podem constituir-se em um reflexo da realidade psíquica. Assim, usar imagens radiológicas no contexto arteterapêutico pode trazer muitos benefícios. Para o desenvolvimento da pesquisa escolheram-se duas doenças: o câncer de mama e a fibromialgia. A pesquisa foi realizada em dois grupos de mulheres com essas doenças. Analisaram-se as obras das pacientes a partir de três elementos: a forma, o vazio e os elementos contidos nas imagens médicas. Após analisar as obras sob estes três pontos de vista, observando o comportamento fisiopatológico e físico de ambas as doenças e considerando as interpretações simbólicas que as pacientes de ambos os grupos trouxeram durante as oficinas, chegou-se à conclusão de que as obras feitas com imagens médicas poderiam refletir, até certo ponto, a natureza física, fisiopatológica e psicológica das doenças estudadas. Após analisar as obras produzidas, pôde-se concluir que o uso de imagens médicas na Arteterapia pode permitir a elaboração de símbolos que podem ressignificar as doenças, trazendo potenciais não reconhecidos em primeira instância.

**Palavras-chave:** Arteterapia, câncer de mama, doença, fibromialgia, imagens radiológicas.

**Abstract:** It is known that radiological images are necessary during the diagnosis and treatment of diseases. From an artistic point of view, medical images are full of aesthetic potential. From a psychological point of view, these images can constitute a reflection of psychic reality. Therefore, using radiological images in the Art Therapy context can bring many benefits. Two diseases were chosen for developing the research: breast cancer and fibromyalgia. The research was carried out on two groups of women with those diseases. The patients' works were analyzed based on three elements: the form, the void and the

---

<sup>1</sup> Graduada em Medicina Humana pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos (Lima - Perú), 2006. Especialista em Cardiologia pela Universidade Estadual de São Paulo “Julio Mesquita Filho” (Botucatu - SP), 2014. Especialista em Tomografia e Ressonância Magnética Cardiovascular pelo Instituto do Coração da Universidade de São Paulo - InCor USP (São Paulo - SP), 2016. Especialista em Psicoterapia Junguiana pela Universidade Paulista - UNIP (São Paulo - SP), 2019. Especialista em Arteterapia pelo Instituto Freedom - SP (São Paulo - SP) 2024. Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3529192943383591>. AATESP: 1174/1024.

elements contained in the medical images. After analyzing the works from these three points of view, observing the pathophysiological and physical behavior of both diseases and considering the symbolic interpretations that patients from both groups brought during the workshops, we came to the conclusion that works made with medical images could reflect, to a certain extent, the physical, pathophysiological and psychological nature of the diseases studied, bringing potential unrecognized in the first instance.

**Keywords:** Art therapy, breast cancer, disease, fibromyalgia, radiological images.

### Introdução

As profundezas do corpo foram um mistério na história da humanidade pelo menos até o ano 1552 a.C., quando foi escrito o papiro Ebers, no Egito. Este documento médico contém 110 páginas com a descrição precisa de um sistema circulatório, incluindo o coração como centro deste sistema. Esses dados provavelmente foram coletados por embalsamadores encarregados da preservação de múmias, porém são dados imprecisos e provenientes do imaginário dessas pessoas. Já a cultura grega foi a encarregada de aprofundar e organizar os estudos anatômicos através de dissecações de corpos destinados a sacrifícios e da observação de feridas de guerra. Nomes como Hipócrates (460-377 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.) e Galeno (131-201 d.C.) foram fundamentais para o conhecimento e difusão da anatomia humana. Porém, esses saberes não eram exatamente de domínio público, mas destinados à classe médica e aos estudiosos das ciências naturais e, assim, permaneceram até o final do século XIX, com o advento do raio X (PERTILE, 2020).

Como conta Di Marco (2019):

O corpo de um cavaleiro inglês pertence-lhe somente a ele/ Mas este ditado seguramente foi feito/ Antes que os impertinentes raios do Dr. Röntgen/Com modos festivos, escuros e místicos/ Nossas estruturas começou a invadir<sup>2</sup>. (Kevles, 1997 apud Di Marco, 2019. p. 37, tradução nossa).

Como na época os efeitos danosos dos raios X eram desconhecidos, o seu uso indiscriminado deu origem a usos que hoje certamente seriam proibidos como, por exemplo, radiografias feitas em lojas de sapatos para encontrar o tamanho adequado do calçado ou radiografias em forma de retratos, já que essas imagens internas passavam a sensação de intimidade e erotismo (DI MARCO, 2019). Assim, no imaginário público, os raios X tinham o poder de revelar aquilo que, por tanto tempo, tinha ficado longínquo, esquecido e impenetrável para muitos: a parte física da nossa realidade interna. Desta maneira, as imagens obtidas pelos raios X começaram também a ser fontes geradoras de símbolos:

---

<sup>2</sup> An Englishman's body belongs to himself,/But surely that proverb was made/Before Dr Roentgen's impertinent rays,/With furtive, adumbrate, and mystical ways,/Our structures began to invade.

Na cultura popular os raios X não eram só capazes de darem acesso a uma realidade oculta ao respeito do mundo externo: já que permitiam ver o cérebro (lugar da mente) e o coração (lugar das emoções), também era de supor que davam acesso à alma e aos nossos pensamentos ocultos (DI MARCO, 2019, p. 38).

Pouco tempo depois da sua descoberta, os usos dos raio X também revolucionaram o mundo médico, que agora podia também ter acesso ao mundo interno dos pacientes para determinar, com mais precisão, origem, distribuição, sequelas e curas de certas doenças. Isso também alavancou a experimentação com outras formas de ondas penetrantes, como as ondas sonoras (que deram origem ao ultrassom) e as ondas radiomagnéticas (que deram origem à ressonância magnética). Com a chegada dos aparelhos audiovisuais, como as câmeras e os gravadores, a penetração dos nossos corpos para fins médicos alcançou níveis bastante invasivos, como no caso da endoscopia e da colonoscopia, entre outros meios de diagnóstico e tratamento (DI MARCO, 2019).

Tendo em vista todo este imaginário coletivo e a forte carga simbólica que as imagens obtidas por estes meios são capazes de atingir, não é difícil imaginar que as imagens médicas foram usadas também para gerar arte. Em 1993, o artista performático Stelarc introduziu no seu estômago uma cápsula que emitia luz e sons. Ajudado por um endoscópio, o excesso de líquido foi retirado do órgão e as imagens e sons produzidos dentro do estômago do artista eram transmitidas para dentro de uma galeria onde a *performance* acontecia. Desta maneira, segundo o próprio autor da obra, o corpo virava um simples envoltório para a sua arte, perdendo a diferenciação do que é público, privado e psicológico (DI MARCO, 2019). Por sua vez, Mona Hatoum colocou o espectador dentro das suas imagens endoscópicas com o objetivo de fazer uma crítica à apropriação que a medicina moderna tem sobre os nossos corpos, além de colocar em evidência a relação entre o interno e o externo, o real e o virtual (POTIER, 2011). Desta maneira, a artista revelou o aspecto sombrio da medicina moderna e a relação inconsciente que estabelecemos com os nossos próprios espaços internos. Enquanto Stelarc e Hatoum usavam as imagens dos seus corpos saudáveis, Laura Ferguson, na sua série *O esqueleto visível*, usou as imagens médicas para apropriar-se da sua condição médica (escoliose) e trazer a reflexão sobre a beleza de corpos diversos e sobre os conceitos de normalidade e anormalidade impostos pela medicina moderna (DI MARCO, 2019). Assim, a artista usou a doença como símbolo para representar a natureza humana e as suas polaridades, questionando os limites das convenções humanas: belo *versus* não belo, normal *versus* anormal.

No Brasil, Mônica Mansur também fez experimentações com imagens médicas, brincando com luzes e sombras em vários dos seus projetos e exposições. Em seu trabalho, a artista chamou a atenção para a desindividualização do sujeito contemporâneo, já que as

imagens não são passíveis de identificação, podem corresponder a qualquer pessoa, incluindo à própria artista (MONTEIRO, 2008).

Como foi exposto, o diálogo entre as imagens médicas e a arte possibilita o surgimento de um novo olhar para o corpo:

Os artistas, ao apropriarem-se dessas imagens médicas, definem uma nova noção de retrato, já que tradicionalmente o retrato lida com a fisicalidade exterior e aqui, mesmo quando se olha para o interior dos corpos, pode-se não saber o que se vê. Documentado em ambientes médicos e/ou científicos e transformado por esses artistas, esse tipo de trabalho traz uma nova visão do corpo ao público, questionando os significados de identidade (MONTEIRO, 2008).

Segundo Potier (2011), as imagens médicas podem possibilitar um afastamento objetivo da imagem corporal, o que permite um processo de reflexão sobre nós mesmos. Ao mesmo tempo, o contraste entre o branco e o preto, a claridade e a escuridão, poderia remeter ao arquétipo junguiano da sombra (ROBALINO, 2020), o que faz destas imagens um material interessante para o trabalho terapêutico. Frente a estas novas visões do corpo, dos seus limites, da nossa realidade interna e da sua leitura social e levando em conta o potencial simbólico dos exames médicos, cabe a investigação sobre as possibilidades terapêuticas desses materiais e a forma como as doenças poderiam se expressar quando usamos as imagens médicas como ferramenta de expressão. Durante a busca por referências para a elaboração do presente trabalho, não foi encontrada nenhuma publicação que utilizasse imagens médicas no contexto terapêutico, o que faz com que o nosso trabalho seja inovador e pioneiro na Arteterapia.

Assim como a humanidade se interessou pelo conhecimento anatômico desde a época pré-cristã, também desde tempos antigos a humanidade retrata a doença, a fragilidade do corpo e a finitude da vida através da arte. O período mais fértil para a produção artística cujo objetivo era retratar a doença foi em meados do século XIV, durante a epidemia da peste bubônica. Calcula-se que 25 milhões de pessoas tenham morrido entre os anos 1348 e 1350, vítimas da doença. As pinturas e gravuras da época retratavam a epidemia como um inferno na Terra, pois acreditava-se que as doenças eram uma punição para os pecados da humanidade. Os sinais da peste não eram retratados de maneira realística, e sim simbólica, tentando transmitir seu caráter aflitivo (ROBALINHO, 2010).

A partir do Renascimento, tentando escapar do conceito platônico da beleza como manifestação do bem, os pintores começaram a retratar as doenças de maneira real, fiel, e não mais simbólica. Um exemplo deste movimento é a obra *O ancião e a criança* (1490), do pintor italiano Domênico Ghirlandaio (1449-1494), que retrata uma criança perto de um idoso portador de rinofima, um distúrbio da pele que deforma o nariz em algumas pessoas idosas (ROBALINHO, 2010).

Tratando-se de doenças femininas, pintores como Peter Paul Rubens, Rembrandt e Rafael Sanzio conseguiram retratar de forma realista mulheres com câncer de mama em estágio avançado, reproduzindo as características da pele e até os gânglios axilares tomados pela doença. Já em épocas mais modernas, Picasso também retrata, em seu próprio estilo, uma mulher mastectomizada (INVESTIGADORA [...], 2014).

A dor também foi um tema muito explorado nas manifestações artísticas, mas a artista que chama mais a atenção no quesito de dor feminina é Frida Kahlo. A artista sofreu um grave acidente de trânsito, em 1925, que a deixou com sequelas e dores crônicas que foram traduzidas em obras artísticas fantásticas como *A coluna partida* (1944) e *Sem esperança* (1945). Apesar da forte carga de dor das suas obras, existe também uma força única de resiliência nelas:

Por meio dos seus autorretratos, Kahlo se posiciona como figura central, controlando como sua imagem e as suas experiências eram apresentadas. Esta abordagem não apenas desafiava as convenções de seu tempo sobre feminilidade e dor, mas também permitia que ela expressasse uma forma de resistência pessoal. Suas obras se tornaram um meio poderoso de expressar a sua luta contra as adversidades físicas e emocionais, oferecendo uma voz a experiências muitas vezes marginalizadas (EQUIPE BRAZIL ARTES, 2024).

Desta maneira podemos ver que a arte consegue representar tanto os aspectos físicos e emocionais como a carga simbólica e inconsciente das doenças.

Do ponto de vista da psicologia analítica, a doença: “(...) é um símbolo, o qual revela uma disfunção no eixo *ego-Self*<sup>3</sup>, provocada (causada) provavelmente por um complexo<sup>4</sup> e que aponta, pela compreensão do seu significado, a correção a ser feita (...)” (GIMENEZ, 1994, p. 59).

Se pensarmos nas doenças como uma fonte importante de símbolos para o processo de individuação, então a Arteterapia pode se constituir em um caminho para liberar estes símbolos e ressignificar as nossas moléstias.

No curso do diagnóstico e tratamento destas doenças, são necessárias as aquisições de várias imagens radiológicas. As imagens médicas são, em sua grande maioria, um retrato das diferentes densidades do corpo humano. Grande parte delas são produto de ondas sonoras ou radioativas que ultrapassam as diferentes camadas do ser, deixando rastros de como o corpo absorve, conduz, reflete e rejeita esses elementos (CPR/CBR, 2022). A maioria das imagens médicas é produzida em preto e branco, desenhando luzes e sombras. Do ponto de vista artístico, são imagens cheias de potencial estético, capazes de combinar

---

<sup>3</sup> Segundo Jung *et al.* (2016), o ego seria o núcleo da consciência; e o *Self* seria o arquétipo central, organizador de todos os recursos e potencialidades do indivíduo. O ego está submetido ao *Self*, mas o *Self* precisa do ego para estabelecer uma comunicação no mundo externo. Assim, são interdependentes.

<sup>4</sup> Um complexo é uma reunião de imagens e ideias, conglomeradas em torno de um núcleo derivado de um ou mais arquétipos e caracterizadas por uma tonalidade emocional comum (SAMUELS, 1986, p.49).

com o amplo espectro de cores do mundo exterior. Do ponto de vista psicológico, essas imagens, quando trabalhadas pelos pacientes através de processos arteterapêuticos, poderiam constituir-se em um reflexo da realidade psíquica interna.

O jogo entre claridade e escuridão, densidades maiores e menores, desenha também, de maneira simbólica, um dos principais arquétipos descritos por Jung: a sombra. Entendemos por sombra todos aqueles aspectos obscuros e inferiores da personalidade ligados a problemas de ordem moral. Alguns desses aspectos podem ser reconhecidos e integrados dentro da personalidade. No entanto, existem sombras que se opõem a ser reconhecidas e se projetam, de maneira inconsciente, para o mundo exterior (JUNG, 2013). Levando em conta todas essas qualidades, as imagens radiológicas podem vir a ser um material muito rico para a experimentação com a arte e a comunicação com o inconsciente.

Então, unindo o potencial das imagens médicas com a capacidade que a arte tem de expressar a natureza das doenças, podemos presumir que o resultado terapêutico desse casamento (arte-medicina) pode trazer muitos benefícios para pacientes com diferentes doenças. Neste cenário, formulamos a seguinte pergunta: é possível que as doenças expressem a sua natureza também no ambiente terapêutico, usando as imagens médicas como material artístico e seguindo o método arteterapêutico analítico aplicado em grupos diferentes de pacientes? Tendo como norte esta pergunta, estabelecemos como objetivo geral determinar se a natureza fisiológica, física e psíquica da doença poderia ser expressa no cenário arteterapêutico. Os objetivos específicos foram: ressignificar a doença como uma vivência portadora de símbolos necessários para o processo de individuação das pacientes; determinar se a intervenção artística nas imagens médicas é uma ferramenta que pode ampliar a percepção que as pacientes têm sobre as suas doenças; e estabelecer se o cenário arteterapêutico é um ambiente seguro para as pacientes compartilharem a vivência de suas doenças.

Para o desenvolvimento da pesquisa escolheu-se duas doenças bastante diferentes na sua fisiopatologia, quadro clínico e tratamento, mas que afetam de maneira significativa o público feminino: o câncer de mama e a fibromialgia.

O câncer de mama constitui-se como o câncer com maior prevalência e mortalidade entre o público feminino. Segundo dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2024), “Para cada ano do triênio de 2023 a 2025, foram estimados 73.610 casos novos, o que representa uma taxa ajustada de incidência de 41,89 casos por 100 mil mulheres” (p. 9).

Ainda existe muita estigmatização frente ao câncer de mama, o que coloca às pacientes numa posição de isolamento, além de sofrerem com a angústia da morte, da perda da feminilidade e da ameaça à maternidade e à sexualidade (SIMÕES, 2008).

No cenário particular do câncer de mama, a Arteterapia pode contribuir para a ressignificação da enfermidade, permitindo que as pacientes adquiram autoaceitação e

acolhimento das suas emoções e sentimentos, capacitando-as para encarar seus medos e encontrar recursos para enfrentar as dificuldades que a vida traz (SIMÕES, 2008).

Já a fibromialgia, segundo a definição da Sociedade Brasileira de Reumatologia (2022):

[...] é uma condição que se caracteriza por dor muscular generalizada, crônica (dura mais que três meses), mas que não apresenta evidência de inflamação nos locais de dor. Ela é acompanhada de sintomas típicos, como sono não reparador e cansaço. Pode haver também distúrbios do humor como ansiedade e depressão, e muitos pacientes queixam-se de alterações da concentração e de memória.

A causa ainda não é totalmente esclarecida, mas a principal hipótese é que pode existir uma alteração na percepção da dor. Alguns pacientes podem desenvolver fibromialgia após um gatilho, como uma dor localizada mal tratada, um trauma físico ou uma doença grave. A dor crônica parece ser a causa do sono alterado, dos problemas de humor e concentração, e não ao contrário (FIBROMIALGIA, 2022).

Ainda sobre a incidência da fibromialgia, a Sociedade Brasileira de Reumatologia (2022) afirma:

[...] é bastante comum, afetando 2,5% da população mundial, sem diferenças entre nacionalidades ou condições socioeconômicas. Geralmente afeta mais mulheres do que homens e aparece entre 30 a 50 anos de idade, embora existam pacientes mais jovens e mais velhos com FM.

A meta no tratamento da fibromialgia consiste em melhorar a qualidade de vida através do alívio dos sintomas. É neste contexto que a Arteterapia cobra importância no tratamento desta condição: “[...] a Arteterapia consiste em uma ferramenta possível potencializadora de reinvenção do cuidado em saúde a pessoas com fibromialgia sob a perspectiva integral e holística de saúde e multidimensional de sujeito” (MORAES *et al.*, 2020, p. 82).

## **Método**

A pesquisa foi realizada em dois grupos de mulheres em diferentes intervalos de tempo. O primeiro grupo era composto por oito mulheres, trabalhadoras voluntárias da organização não governamental (ONG) Neomama, que estavam vivenciando diferentes estágios do câncer de mama. O segundo grupo era composto por oito mulheres com diagnóstico de fibromialgia. Todas as participantes leram e assinaram o termo de consentimento para o uso de suas imagens com fins acadêmicos.

Foram realizadas dezessete oficinas de Arteterapia com cada grupo, consistindo em uma oficina por semana, com uma hora e meia de duração cada uma. O primeiro grupo

realizou as oficinas a distância através da plataforma Google Meet, entre 21 de agosto e 11 de dezembro de 2023, enquanto o segundo grupo realizou as atividades de maneira presencial, entre 20 de fevereiro e 11 de junho de 2024.

As dezessete oficinas foram divididas da seguinte maneira: as cinco primeiras oficinas foram vinculativas, objetivando criar uma conexão entre o terapeuta e seu público, portanto essas oficinas iniciais não usaram as imagens médicas como ferramenta; as seguintes doze oficinas usaram os exames médicos para diferentes atividades. As oficinas não seguiram sempre a mesma temática em ambos os grupos, pois as necessidades de cada grupo mostraram-se diferentes no decorrer do trabalho. Para tornar possível a comparação, escolhemos as atividades que foram desenvolvidas seguindo a mesma temática em ambos os grupos.

As oficinas utilizaram o método arteterapêutico estabelecido por Alessandrini (1996), conforme os seguintes passos:

- sensibilização: consegue-se através de meditação dirigida;
- expressão livre: foram utilizadas cópias das imagens médicas (ultrassom, tomografia, ressonância magnética, tomografia por emissão de pósitrons etc.) e diferentes materiais artísticos para a elaboração de colagens;
- elaboração da expressão: as pacientes foram convidadas a ampliar suas obras;
- transposição da linguagem: as pacientes foram convidadas a escrever e/ou falar sobre suas produções.

### **Desenvolvimento**

O nosso primeiro grupo de pacientes foi denominado como grupo câncer de mama (CM). Este grupo foi composto por oito trabalhadoras voluntárias da ONG Neomama, localizada em Santos, São Paulo. A média de idade era de 64 anos; 50% do grupo era de trabalhadoras aposentadas, 25% de trabalhadoras do lar, 12,5% das pacientes eram assalariadas e 12,5% delas eram trabalhadoras autônomas. Todas as pacientes tinham vivenciado o câncer de mama e estavam em diferentes estágios: seis delas estavam em estado de remissão, uma em estágio avançado, em acompanhamento médico, e outra, com diagnóstico recente, passava por radioterapia.

A média de faltas dentro do grupo foi de duas participantes por oficina, o que corresponde a 22,8% de taxa de faltas por sessão. Não houve desistências nem internações pela doença durante todo o processo.

As oficinas foram ministradas *on-line* e ao vivo através da plataforma Google Meet, e as participantes reuniam-se na sede da ONG Neomama para poder participar das atividades. A maioria dos materiais foi fornecida gratuitamente para todas as participantes. E

algumas atividades requereram alguns materiais caseiros que foram solicitados às participantes.

Este primeiro grupo foi bastante coeso e comprometido com as atividades, tornando-as leves e prazerosas. As dificuldades das transmissões a distância foram resolvidas com facilidade pela colaboração da administração da ONG e pela união e amizade que as participantes já possuíam.

O segundo grupo de pacientes recebeu o nome de grupo fibromialgia (FM). Este grupo foi composto por dez mulheres, convocadas através das redes sociais, que estavam reunidas na clínica integrativa BioInstituto, localizada no bairro de Santana, região norte da cidade de São Paulo. A convocatória foi feita para pacientes com diagnóstico de fibromialgia e apresentaram-se dez participantes. Oito delas tinham o diagnóstico efetivo de fibromialgia e foram escolhidas para participar do trabalho comparativo entre os grupos.

A média de idade do segundo grupo era de 55 anos. 97% das pacientes eram trabalhadoras autônomas, 1% era trabalhadora do lar, 1% desempregada e 1% aposentada. Das pacientes autônomas, 43% delas estavam afastadas das atividades laborais por causa dos sintomas da fibromialgia.

A média de faltas do grupo foi de quatro participantes por oficina, o que corresponde a 37,7% de taxa de faltas por sessão. Houve duas desistências logo na primeira oficina e outras duas no decorrer do estudo, totalizando uma taxa de 40%. Depois da quinta oficina, uma das participantes foi internada devido à depressão grave e ideação suicida, permanecendo quinze dias hospitalizada e não conseguindo retomar as atividades depois deste evento.

O nosso segundo grupo era bastante diverso, e as pacientes não tinham nenhuma relação prévia, o que fez o trabalho ser bastante desafiador. A grande maioria das pacientes estava bastante sintomática, e o principal motivo de faltas eram as dores características do quadro da fibromialgia.

Depois, analisaram-se as produções dos dois grupos tentando encontrar as manifestações, reais e simbólicas, das duas doenças nas produções individuais. Para isso, dividimos a análise em três pontos: a análise das formas, a análise do vazio na obra e a análise de alguns elementos simbólicos dos trabalhos.

### **A forma**

Para a análise das formas representadas pelas participantes escolheu-se a sétima oficina, intitulada “Intervenção no olho de Deus”. Esta atividade iniciou com a elaboração de uma mandala tecida com fios de lã conhecida como “O olho de Deus”. Estas mandalas são originais do povo Huichol, nativo mexicano, que as tece amarrando dois ou quatro gravetos e usando fios de lã coloridos que vão tomando formas geométricas que representam os

quatro elementos (terra, água, fogo e ar) e os cinco pontos cósmicos (norte, sul, leste, oeste e centro) (SALOMÃO, 2016). Segundo Salomão (2016), essas mandalas são tecidas pelos pais no momento do nascimento do filho ou filha, e a cada ano alguns fios são acrescentados ao tecido, aumentando a mandala, até que a criança cumpra cinco anos de idade. Durante o Festival do Tambor, o pai joga a mandala tecida no mar, agradecendo pela criança ter sobrevivido às dificuldades da região (SALOMÃO, 2016). Assim, “criando a mandala o indivíduo consegue estabelecer um contato com o plano divino e assim o objeto ganha energia e força” (SALOMÃO, 2016, p. 52).

O contato com o divino faz parte da função espiritual humana, e esta experiência é universal e necessária para o nosso desenvolvimento psíquico. Segundo Souza (2018, p. 29): “Jung considerava esse exercício de religar-se à função espiritual como um fenômeno universal, por ser encontrado em locais diferentes, em diversos povos e tribos, desde épocas muito antigas”. Segundo Oliveira (2011, p. 27):

[...] existem duas importantes potencialidades naturais no homem: a criatividade e a espiritualidade. Levando-se em conta que o processo de autoconhecimento do homem precisa, necessariamente, passar pelo desenvolvimento de suas potências naturais, o exercício da criatividade e o reconhecimento e exploração da espiritualidade estão incluídos nesta necessidade.

Tendo em vista todos esses dados e embasamento teórico, iniciamos a atividade da confecção da mandala “Olho de Deus” trazendo para a prática a função espiritual das participantes. Esta primeira atividade foi bastante desafiadora, pois as participantes se depararam com as dificuldades de um novo aprendizado, mas estas dificuldades foram ultrapassadas com o apoio e suporte de umas com as outras. Durante a confecção da mandala as participantes relataram a semelhança da obra com suas vivências, seus estados de ânimo, suas personalidades e até seus aspectos físicos, o que enriqueceu ainda mais a experiência e contribuiu para a coesão do grupo.

Depois desta primeira atividade partimos para um aprofundamento, visando trabalhar a autoimagem e a doença através da função espiritual. Para isso, foi realizada uma intervenção na mandala tecida previamente usando duas novas mandalas, desta vez feitas em papel Canson®, que foram coladas sobre a mandala “Olho de Deus”. A primeira mandala de papel Canson® tinha como objetivo representar a maneira como as participantes olhavam para a sua doença através de um olhar espiritual; enquanto a segunda mandala representava como elas próprias se olhavam, nas suas totalidades, a partir das suas espiritualidades. No centro da primeira mandala (“O olhar da doença através da espiritualidade”) foi colocada a imagem radiológica, e no centro da segunda mandala (“O olhar da totalidade através da espiritualidade”) foi colocado um espelho autoadesivo. Como

material para colorir as mandalas foi usada maquiagem (base, batom, sombras, delineadores etc.), trazendo a referência à feminilidade.

O recurso do espelho já foi usado por outros autores como atividade arteterapêutica para fortalecer a autoimagem através do conceito do espelhamento no olhar materno e do uso de figuras divinas, como explica Bernardo (2012, p. 72):

Oxum e Iemanjá, deusas-mãe da mitologia africana associadas às águas, trazem espelhos nas suas mãos, e a deusa egípcia Ísis também tem o seu espelho. A mãe é o primeiro espelho da criança, em sua relação com ela, através do olhar da mãe sobre ela, a criança vai construindo a sua imagem.

Os produtos de maquiagem como material artístico vêm sendo usados por algumas artistas como referência e também crítica aos modelos de feminilidade das sociedades modernas. A artista boliviana-estadunidense Donna Huanc, por exemplo, usou produtos de maquiagem da marca Chanel (rímel, delineador e sombras) para pintar sobre ternos de lã, combinando os temas da identidade masculina e feminina, do poder socioeconômico e da política corporal na sua obra (MAKEUP [...], 2008).

Tendo como referência esses trabalhos, decidiu-se usar um espelho adesivo e maquiagem para a confecção das mandalas. Como apresentado na Figura 1, observa-se certa semelhança da textura que a autora imprimiu no canto esquerdo da sua mandala (Figura 1, à esquerda) com a textura da pele de uma mama em estado avançado da doença (Figura 1, à direita). As cores escuras da imagem médica usada na construção da mandala lembram as áreas necróticas contidas na imagem da mama adoecida. É interessante citar que a autora da Figura 1 (à esquerda) referiu ter pintado a metade esquerda da mandala com base de maquiagem para representar seu lado mais sombrio.

No caso da Figura 2 (à esquerda), a autora referiu que ela fez referência à natureza e à sua feminilidade, desenhando as montanhas, a vegetação e as aves, paisagens de que ela gostava muito. Esta imagem também guarda alguma semelhança com o aspecto de uma mama adoecida (Figura 2, à direita).

A mama é um órgão considerado relacional, pois é o primeiro objeto de desejo do recém-nascido em relação à mãe, mas também um dos primeiros caracteres sexuais que demarcam o início da puberdade para a mulher. Como colocado por Tedesco e Cury (2007, p. 191), “durante as turbulências da puberdade, esses órgãos podem se constituir para elas como indício reconfortante da sua integridade corporal e, conforme o exemplo de suas mães, da aquisição de suas capacidades de gratificação e de reparação”. Além de os seios serem a representação do acolhimento, da integridade, da maturidade e da maternidade, a forma arredondada deles remete fortemente à sexualidade, uma função que foi fortemente reprimida durante séculos na história da humanidade.



**Figura 1.** Intervenção na mandala “Olho de Deus” no grupo CM. À esquerda: mandala de participante do grupo CM. À direita: câncer de mama em estágio avançado após radioterapia. Fonte: FONTINELE. *et al*; 2019<sup>5</sup> (imagem à direita).

Segundo Dahlke (2007), na linguagem coloquial alemã, os mamilos são referidos como verrugas, o que talvez possa ser uma memória da Inquisição, onde mulheres, muitas vezes muito atraentes e sensuais, eram consideradas bruxas, torturadas e mortas. O surgimento do câncer de mama geralmente é vivenciado como uma ameaça a todas essas funções: “quando o suave tecido glandular da mama, em vez do natural aconchego e prazer que proporciona, torna-se duro e maligno, os temas de maternidade, do prazer e do relacionamento são enunciados e fornecem a base do drama” (DAHLKE, 2007, p. 252). Porém, a doença vem para denunciar aspectos negligenciados, negados ou rejeitados de uma vida.



**Figura 2.** Intervenção na mandala “Olho de Deus” no grupo CM. À esquerda: mandala feita por participante do grupo CM. À direita: fotografia de paciente com câncer de mama em estágio avançado após radioterapia. Fonte: HORTA, A. R; VALEJO, M. F.A; 2021<sup>6</sup> (imagem à direita).

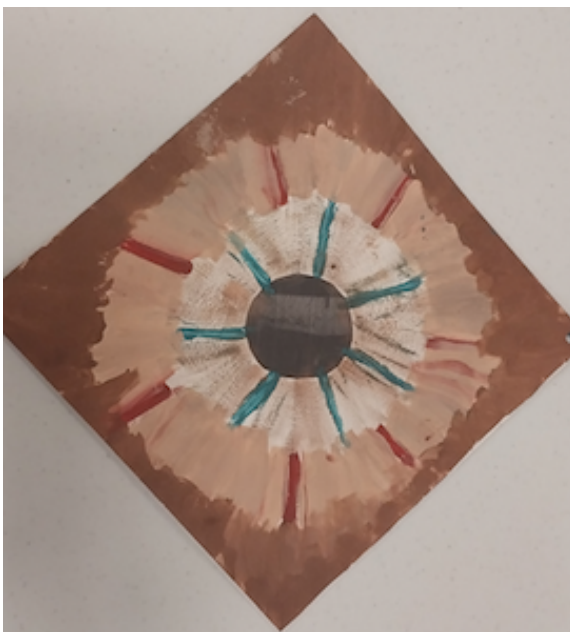
<sup>5</sup> Encontra-se em: FONTINELE. D.S.D.R *et al*. Retalho toracoabdominal para reconstrução de tumor de mama localmente avançado, em paciente com mutação de BRCA1. **Rev. Bras. Cir. Plást.**, v. 4, n. 34, p.571-575, 2019.

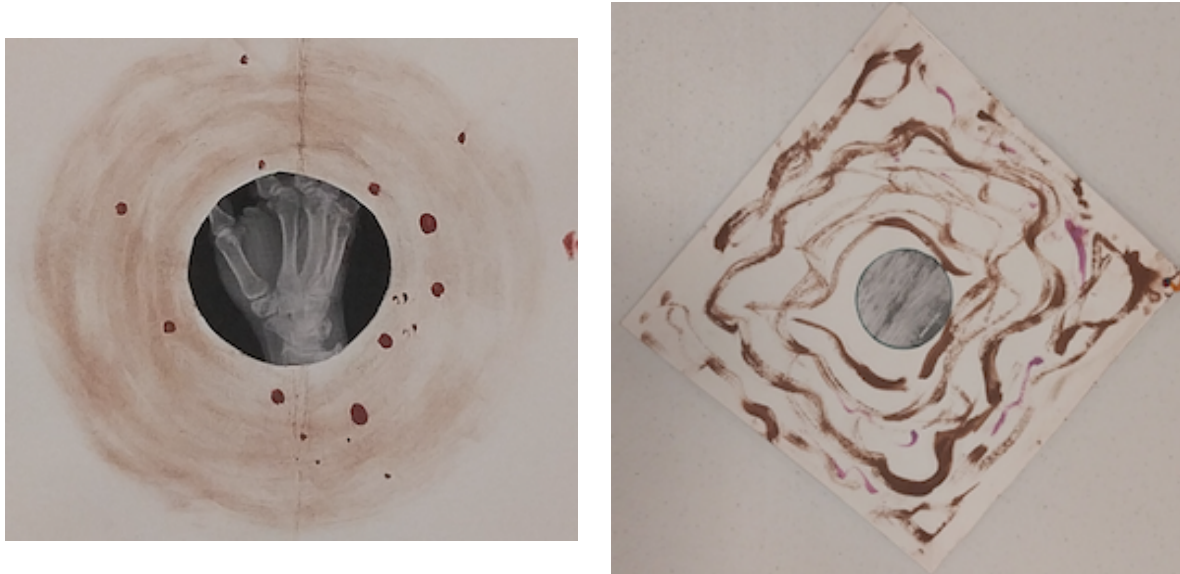
<sup>6</sup> Encontra-se em: HORTA, A. R; VALEJO, M. F.A. Uso do retalho toracoepigástrico no fechamento de grandes defeitos na parede torácica pós-tratamento cirúrgico de tumor de mama localmente avançado: relato de caso. **Rev. Bras. Cir. Plást.**, v. 4, n. 36, p. 471-474, 2021.

Nas obras das pacientes do grupo CM, podemos ver algumas semelhanças entre o aspecto visual das obras e alguns aspectos físicos da doença: a textura da pele doente, a necrose do órgão, a exposição dos tecidos internos etc. Esses aspectos físicos parecem guardar uma forte carga simbólica. Por exemplo, Dahlke (2007) teoriza que a agressividade contida pelas pacientes com câncer de mama é manifestada pela retração da pele que, assim como a atitude agressiva, é retida nas sombras. Assim, retraindo a pele o corpo sinaliza a necessidade de reconexão com as atitudes recalçadas. Essas observações são confirmadas por alguns estudos como o de Greer e Morris (1975), onde as pacientes com câncer de mama apresentavam uma considerável inibição para desfazer-se de sentimentos agressivos.

Observando, desta vez, as produções do grupo FM, as representações foram mais abstratas, no formato de auras ou irradiações (Figura 3). A maioria das pacientes referiu-se a estas auras ou irradiações como energia, nuvens e fluxos vitais. Ao mesmo tempo, estas imagens amorfas também poderiam lembrar o caráter difuso e arrastado da dor.

Quando analisamos as imagens das pacientes com fibromialgia, pudemos ver a ausência de figuras anatômicas e a presença de imagens abstratas, irradiadas ou ondulantes. Durante as partilhas, as participantes geralmente descreveram estas imagens como energia, fluxo ou vida. A fibromialgia pode ser definida como uma síndrome dolorosa crônica que acomete o sistema muscular de maneira difusa (FIBROMIALGIA, 2022).



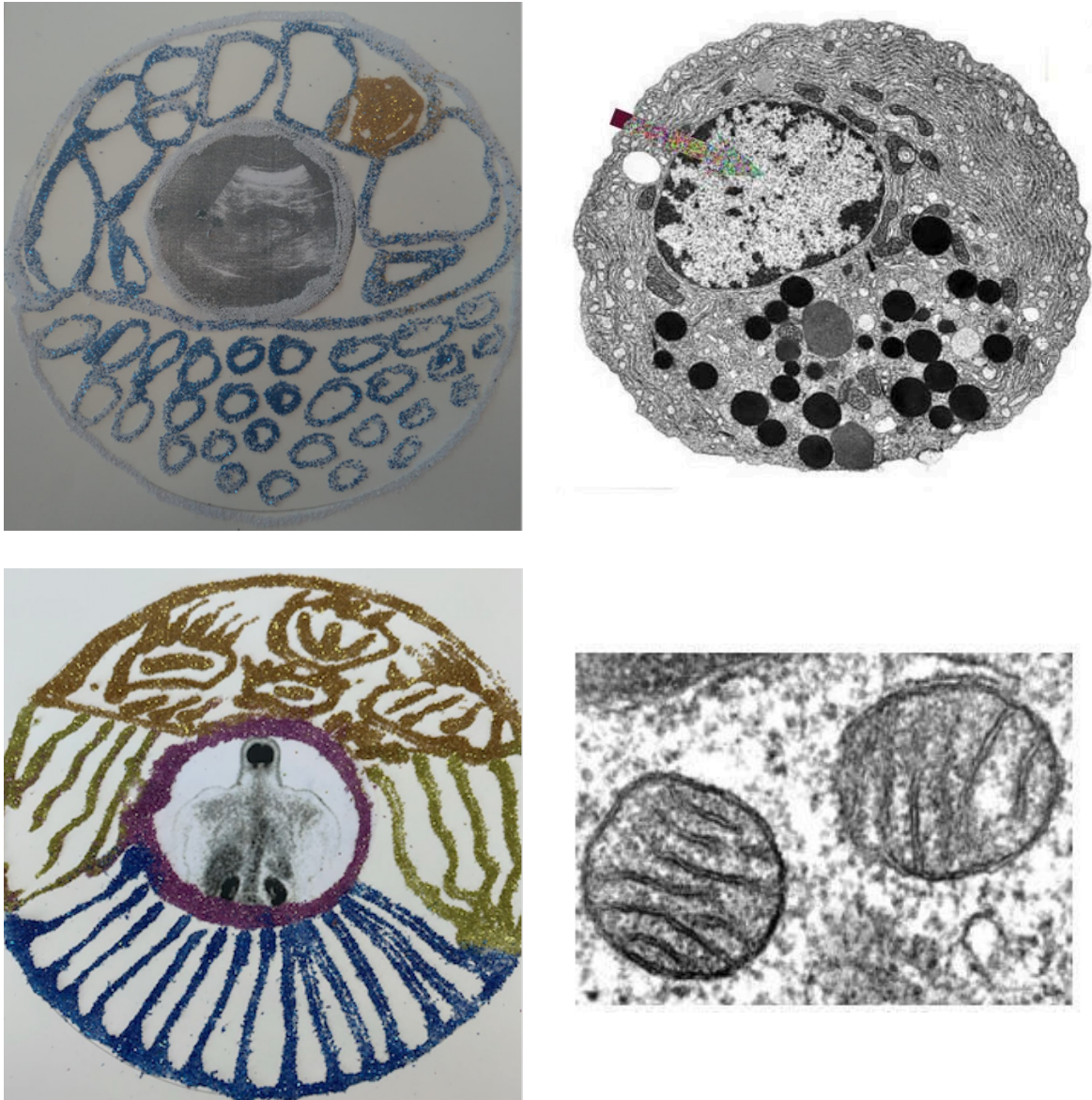


**Figura 3.** Intervenção na mandala “Olho de Deus” no grupo FM.

Os formatos encontrados nas produções podem corresponder a representações das variadas apresentações da dor, tendo em vista a característica subjetiva desta sensação. Do ponto de vista simbólico, a dor muscular pode simbolizar a necessidade de movimentação em algum aspecto da vida (DAHLKE, 2007). Segundo Hayar (2016), frente à dor alguns pacientes com fibromialgia sentem-se paralisados. Esta paralisia simbólica também pode chamar a atenção para uma possível necessidade de movimentação ou ressignificação de algum evento paralisante, como um trauma ou uma perda.

Outra atividade que usamos para a análise da forma foi a “Mandala do elemento ar”. Nesta atividade, as participantes eram convidadas a construir uma mandala usando elementos que lembrassem o elemento ar ou que usassem o sopro para serem distribuídos na obra, como purpurina ou *glitter*. A borda externa da mandala foi bordada com fios de algodão simbolizando a função pensamento, que está relacionada ao elemento ar, tal como foi explicado por Bernardo (2009, p. 127):

Ligado ao tema do relacionamento (e da sociabilidade), ao buscar considerar com igual valor todos os pontos de vista (ao contrário do sentimento), esse elemento [ar] corresponde ao pensamento e à racionalidade, ao reino dos sonhos e aos devaneios, às histórias que permeiam à nossa existência, representando o nosso potencial para criar imagens e atribuir significados para as experiências vividas.



**Figura 4.** Mandalas do elemento ar do grupo CM. Fonte: Planetabiologia, 2024<sup>7</sup> (imagem superior direita). Aio, 2024<sup>8</sup> (imagem inferior direita).

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://planetabiologia.com/microscopia-eletronica-de-transmissao/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.aio.com.br/questions/content/observe-a-imagem-obtida-por-microscopia-eletronica-de-transmissao-as-organelas>>. Acesso em: 22 ago. 2024.



**Figura 5.** Mandalas do elemento ar feitas pelo grupo FM.

Como se pode ver nas atividades realizadas pelas participantes do grupo CM (Figura 4), as obras lembram células, base fisiopatológica do câncer. A chave para o diagnóstico do câncer de mama é identificar o tipo de célula mutante e os receptores que a fazem sensíveis ao ambiente hormonal interno e estimulam seu crescimento. A célula cancerígena adota características embrionárias e regressivas, crescendo tão agressivamente que ignora a existência das células vizinhas e as suas tentativas (DAHLKE, 2007). O crescimento desmedido das células cancerígenas poderia ser o símbolo necessário para olhar para áreas subdesenvolvidas da existência e também para problemas de comunicação nos relacionamentos (DAHLKE, 2007).

Entretanto, as imagens das pacientes do grupo FM não têm formas concretas. A distribuição do *glitter* nestas imagens é mais difusa, ou irradiada, como podemos ver na Figura 5.

### **O vazio**

Para analisar o vazio das imagens escolhemos a oficina intitulada “Mandala do elemento terra”. Nesta atividade elaboramos uma mandala contendo elementos que remetiam ao elemento terra, tais como: sementes, grãos, folhas, flores etc. Estes materiais eram fornecidos pelas próprias participantes de cada grupo. Esta atividade foi realizada com o objetivo de trabalhar a função sensação, favorecendo, assim, a relação com o corpo e as suas questões (BERNARDO, 2009).

As mandalas do grupo CM (Figura 6) são cheias de elementos coloridos e vivos, com pouco ou nenhum espaço vazio dentro da mandala e sempre respeitando as bordas. Os elementos vibrantes das mandalas do grupo do câncer de mama poderiam apontar para um resgate da feminilidade que elas expressam também em outras atividades e nas partilhas

em grupo. O pouco vazio encontrado nas mandalas do grupo CM poderiam se assemelhar ao caráter expansivo da doença. As células mutantes do câncer ocupam espaços virtuais, espalhando-se nas regiões vizinhas até formar um tumor (SANTOS; GONZAGA, 2018).



**Figura 6.** Mandalas do elemento terra do grupo CM.

Entretanto, as obras realizadas pelas participantes do grupo FM (Figura 7) são menos coloridas, contêm mais elementos secos e muitos vazios dentro do círculo da mandala, e muitas extravasam as bordas do círculo. Os elementos mais secos e monocromáticos usados pelo grupo FM talvez guardem relação com os sintomas arrastados da doença (fadiga, insônia, dor etc.) e com a dificuldade que as pacientes encontram para se sentirem produtivas e independentes. Já o vazio das mandalas poderia estar relacionado ao vazio que estas pacientes expressam também durante a partilha verbal. No seu trabalho, Guiote relata como as pacientes com fibromialgia descrevem a sua dor: “Elas definem-na como ‘um vazio crônico’; ‘como se levassem um morto nas costas’; ‘como se um peso as esmagasse’” (GUIOTE, 2020. p. 8). As pacientes também referem uma invalidação constante dos seus sintomas, o que as deixa em um lugar de quase inexistência. Thernstrom (2011) escreveu sobre esse lugar: “Parte da maldição da dor é que ela soa inverídica para quem não sente dor” (p. 160). Ao mesmo tempo, as suas imagens médicas não demonstram nenhum sinal de doença, o que gera um vazio de evidência imagética que serve como argumento para aqueles que anulam a vivência de dor destas pacientes.

### **A energia contida na doença**

Para analisarmos a energia contida na doença, usaremos os elementos colocados dentro das imagens médicas durante a elaboração das mandalas do elemento terra.

Nas mandalas do elemento terra, ambos os grupos colocaram sementes de milho dentro das suas imagens médicas, e só o grupo FM colou sementes de café (Figura 8).



**Figura 7.** Mandalas do elemento terra do grupo FM.



**Figura 8.** Mandala do elemento terra do grupo CM (à esquerda) e do grupo FM (à direita).

Ambas as mandalas contêm sementes de milho dentro das imagens médicas, mas somente a mandala do grupo FM contém sementes de café.

Ambas as sementes representam movimentos de transformação, mas seguem processos diferentes. Enquanto o milho é uma semente de expansão, pois vira pipoca, o café é uma semente que precisa da moagem para chegar ao seu produto final.

A pipoca simboliza um elemento de transformação e cura na mitologia iorubá. Prandi (2001) narra que Obaluaê, orixá da saúde e da doença, chegou numa festa, mas não pôde entrar devido à aparência do seu corpo cheio de feridas que lhe causavam constrangimento. Ogum preparou uma vestimenta com palhas da costa que cobriam Obaluaê da cabeça aos

pés e convidou-o a entrar, e ele, timidamente, aceitou. Iansã, deusa dos ventos, compadeceu-se dele, pois ninguém se aproximava, e foi dançar com Obaluaê. Como a dança de Iansã produz ventos, eles assopraram debaixo das roupas de Obaluaê, levantando as palhas e convertendo as suas feridas numa chuva de pipocas. Quando todos olharam, Obaluaê havia se tornado belo e jovem.

Como escreve Peixoto (2018, p. 129): “Por vezes a doença se estabelece para transformar os caroços duros que temos dentro de nós, abrindo-os como uma flor no calor das experiências e atritos terrenos”.

Rubem Alves, de sua parte, também relata, de maneira belíssima, a significância que as mudanças têm na vida humana através da metáfora da transformação do milho em pipoca:

[...] A transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação por que devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser. O milho de pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro. O milho de pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer; pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa [...]. (ALVES, 2002. apud PEIXOTO, 2018, p. 130).

Como viu-se, a ressignificação da doença através da integração dos seus símbolos é um caminho importante para a cura, entendendo-se por cura a integração de aspectos sombrios da nossa psique (PEIXOTO, 2018).

### **Considerações finais**

O uso de imagens médicas durante as sessões de Arteterapia pode permitir a elaboração simbólica de aspectos físicos, fisiopatológicos e psicológicos da doença. Isto, por sua vez, pode propiciar que as pacientes se apropriem das características naturais da doença para ressignificá-la e, assim, integrar aspectos inconscientes e sombrios. O cenário arteterapêutico demonstra-se um ambiente seguro para que as participantes compartilhem experiências e acolham as suas dores e sofrimentos.

A tecnologia médica pode permitir pesquisas futuras usando outras representações das doenças, como impressões tridimensionais e realidade virtual, no contexto arteterapêutico. Estas ferramentas podem trazer novas formas de simbolizar as doenças, trazendo transcendência para a experiência da enfermidade.

**Data de recebimento:** 09.10.2024

**Data primeiro aceite:** 22.02.2025

**Data segundo aceite:** 08.04.2025

## Referências bibliográficas

ALESSANDRINI, C. D. **Oficina criativa e psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

BERNARDO, P. P. A linha: a mãe primordial (o mundo interno) . *In*: BERNARDO, P. P. **A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos**, vol IV: Arteterapia e mitologia criativa: orquestrando limiares. São Paulo: Arterapinna editorial, 2012, p. 68-74.

BERNARDO, P. P. O ar. *In*: BERNARDO, P. P. **A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos**, vol II: mitologia indígena e arteterapia: a arte de trilhar a roda da vida. São Paulo: Ed. do autor, 2009, p. 124-135.

CPR/CBR - COMISSÃO DE PROTEÇÃO RADIOLÓGICA DO COLÉGIO BRASILEIRO DE RADIOLOGIA (coord.). **Bases físicas e tecnológicas em diagnóstico por imagem: física médica para residentes**. São Paulo: CBR, 2022. Disponível em: <[https://cbr.org.br/wp-content/uploads/2023/03/BASES-FISICAS-E-TECNOLOGICAS\\_CPR\\_CBR\\_2022\\_VERSA\\_O\\_CURSO\\_FM-1.pdf](https://cbr.org.br/wp-content/uploads/2023/03/BASES-FISICAS-E-TECNOLOGICAS_CPR_CBR_2022_VERSA_O_CURSO_FM-1.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2025.

DAHLKE, R. **A doença como linguagem da alma: os sintomas como oportunidade de desenvolvimento**. São Paulo: Cultrix, 2007.

DI MARCO, S. Naked to the flesh. Some notes on medical imaging, modernism and body art. *In*: POMBO, O; NABAIS, P.C; FUENTES, S. **CorpoIMAGEM – Representações do corpo na ciência e na arte**. Lisboa: Fim de Século, 2019, p. 35-48.

EQUIPE BRAZIL ARTES. Frida Kahlo e o corpo feminino: explorando temas de feminilidade e identidade. **Brazilartes**, 2024. Disponível em: <<https://brazilartes.com/frida-kahlo-e-o-corpo-feminino-explorando-temas-de-feminilidade-e-identidade/>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FIBROMIALGIA. **Sociedade Brasileira de Reumatologia**, 27 set. 2017. Disponível em: <<https://www.reumatologia.org.br/doencas-reumaticas/fibromialgia-e-doencas-articulares-inflamatorias/>>. Acesso em: 19 jan. 2024.

FONTINELE, D. S. D. R. *et al.* Retalho toracoabdominal para reconstrução de tumor de mama localmente avançado, em paciente com mutação de BRCA1. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 571-575, 2019. Disponível em: <<https://www.rbcop.org.br/details/2677/pt-BR/retalho-toracoabdominal-para-reconstrucao-de-tumor-de-mama-localmente-avancado--em-paciente-com-mutacao-de-brca1>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GIMENEZ, D. R. **A psique do corpo**. São Paulo: Summus, 1994.

GUIOTE, A. Arteterapia y mujer: el cuerpo confrontado con su dolor. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE INTERVENCIÓN PSICOSOCIAL, ARTE SOCIAL Y ARTETERAPIA, 1., 2020, Murcia. **Ponencias [...]**. Murcia: Universidad de Murcia, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10201/90043>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

HAYAR, M. A. S. P. **Envelhecer com fibromialgia: a dor como companheira**. São Paulo:

Portal Edições/ Envelhecimento, 2016.

HORTA, A. R.; VALEJO, M. F. A. Uso do retalho toracoepigástrico no fechamento de grandes defeitos na parede torácica pós-tratamento cirúrgico de tumor de mama localmente avançado: relato de caso. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 471-474, 2021. Disponível em: <<https://www.rbc.org.br/details/3033/pt-BR/uso-do-retalho-toracoepigastrico-no-fechamento-de-grandes-defeitos-na-parede-toracica-pos-tratamento-cirurgico-de-tumor-de-mama-localmente-avancado--r>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

**Investigadora de Coimbra mostra cancro da mama a partir de Picasso, Rafael e Rubens**. Notícias de Coimbra, Coimbra, 6 mar. 2014. Disponível em: <[https://www.noticiasdecoimbra.pt/investigadora-de-coimbra-mostra-cancro-da-mama-a-partir-de-picasso-rafael-e-rubens/#goog\\_rewarded](https://www.noticiasdecoimbra.pt/investigadora-de-coimbra-mostra-cancro-da-mama-a-partir-de-picasso-rafael-e-rubens/#goog_rewarded)>. Acesso em: 20 ago. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. **Controle do câncer de mama no Brasil**: dados e números: 2024. Rio de Janeiro: Inca, 2024. Disponível em: <<https://ninho.inca.gov.br/jspui/bitstream/123456789/17002/1/Controle%20do%20c%C3%A2ncer%20de%20mamano%20Brasil%20-%20dados%20e%20n%C3%BAmeros%202024.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2025.

JUNG, C. G. **Aion**. Obra Completa v. 9/2. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

JUNG, C.G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

JUNG, C.G. *et al.* **O Homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016.

**Makeup as muse**: Donna Huanca's cosmetic paintings. Makeup Museum Est. 2008, Baltimore, 2015. Disponível em: <<https://makeupmuseum.org/makeup-as-muse-donna-huanca/>>. Acesso em: 16 fev. 2025. [Recurso não está mais disponível]

MONTEIRO, R. H. As refotografias de Mônica Mansur. **ComCiência**, Campinas, n. 100, 2008. Disponível em: <[https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542008000300015&lng=pt&nrm=iso](https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000300015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MORAES, M. D. *et al.* Arteterapia como prática e reinvenção do cuidado de mulheres com fibromialgia: relato de experiência. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo., v. 3, n. 12, set/dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v3i0.1875>. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/1875>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

OLIVEIRA, R. C. **Encontro com o mistério**: Arteterapia revelando imagens da espiritualidade humana. 2011. 52p. Monografia (Pós-graduação em Arteterapia) – Instituto Superior de Ensino e Pesquisa, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://www.arteterapia.org.br/pdfs/arteterapiarevelandoimagensdaespiritualidadehumana.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2025.

PEIXOTO, N. **As flores de Obaluaê**: o poder curativo dos orixás. Porto Alegre: BesouroBox, 2018.

PERTILE, R. A. A história das técnicas médicas a partir de ilustrações em papiros do Egito antigo. **Khronos, revista de história e ciência**, São Paulo, n. 10, p. 79-88, 2020. DOI: <<https://doi.org/10.11606/issn.2447-2158.i10p79-88>>. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/khronos/article/view/176084>>. Acesso em: 15 fev. 2025.

POTIER, R. Medical Imaging and Modern Art: Encounters over a Virtual Body. **Journal of Psychoanalytic Studies**, Paris, 22 dez 2011. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-recherches-en-psychanalyse-2011-2-page-131.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROBALINHO, M. As doenças e a morte na arte. **Revista Continente**, Recife, ed. 115, p. 1-9, jul. 2010. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/115/as-doencas-e-a-morte-na-arte#:~:text=Imagens%20infernais%20de%20doen%C3%A7as%20visitando,dos%20sintomas%20de%20uma%20enfermidade>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ROBALINO, J. F. C. Análise comparativa da sombra com a fotografia, o corpo, o duplo e o arquétipo sombra. **Avanca | Cinema**, Avanca, n. 11, out. 2020. DOI: <<https://doi.org/10.37390/avancacinema.2020.a134>>. Disponível em: <<https://publication.avanca.org/index.php/avancacinema/article/view/134/255>>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SALOMÃO, R. L. **Arteterapia: fios que tecem o sagrado**. 2016. 73p. Monografia (Pós-graduação em Arteterapia) – Clínica Pomar, Faculdade Vicentina, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://arteterapia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/5RaquelSalomao-Monografia.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2025.

SAMUELS, A. SHORTER, B. PLAUT, A. **Dicionário Crítico de Análise Junguiana**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1986. p. 49.

SANTOS, T. A.; GONZAGA, M. F. N. Fisiopatologia do câncer de mama e os fatores relacionados. **Revista Saúde em Foco**, Amparo, n. 10, p. 359-366, 2018. Disponível em: <[https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/048\\_FISIOPATOLOGIA-DO-C%C3%82NCER-DE-MAMA-E-OS-FATORES.pdf](https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/048_FISIOPATOLOGIA-DO-C%C3%82NCER-DE-MAMA-E-OS-FATORES.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SIMÕES, E. N. M. E. **Contribuições da Arteterapia no cuidado com mulheres em tratamento de câncer de mama**. 2008. 92p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Pará, Pará, 2008.

SOUZA, O. R. S. **O encontro com o sagrado na Arteterapia orientada pela teoria junguiana**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2018. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/843>>. Acesso em: 22 fev. 2025.

TEDESCO, J. J.; CURY, A. F. **Ginecologia psicossomática**. São Paulo: Atheneu, 2007.

THERNSTROM, M. **As crônicas da dor: tratamentos, mitos, mistérios, testemunhos e a ciência do sofrimento**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.